



**Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Cênicas**

**GABRIELLE LOPES DE BARROS**

**POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE OBRAS CINEMATOGRAFICAS BRASILEIRAS  
AO ENSINO DO TEATRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ALGUMAS REFLEXÕES A  
PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO**

Santos/SP

2023

Gabrielle Lopes de Barros

**POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE OBRAS CINEMATOGRAFICAS BRASILEIRAS  
AO ENSINO DO TEATRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ALGUMAS REFLEXÕES A  
PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de  
Artes da Universidade de Brasília para a obtenção do título  
de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Mestre Ricardo Cruccioli Ribeiro.

Santos/SP

2023

**Instituto de Artes - IdA**

**Departamento de Artes Cênicas - CEN**

**ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE  
CURSO**

**GABRIELLE LOPES DE BARROS**

**POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE OBRAS  
CINEMATOGRAFICAS BRASILEIRAS AO ENSINO DO  
TEATRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ALGUMAS  
REFLEXÕES A PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE CINEMA  
E EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Teatro da  
estudante **Gabrielle Lopes de Barros**, apresentado à Universidade de  
Brasília - UnB, como requisito para obtenção do Título de Licenciado  
em Teatro, período 2023.2, com nota final igual a **MS**, sob a  
orientação do professor Mestre Ricardo Cruccioli Ribeiro.

Brasília-DF, 15 de dezembro de 2023.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Me. Ricardo Cruccioli Ribeiro

**Orientador**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Felicia Johansson- IdA/CEN/UnB

**Examinador**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita de Cássia de Almeida Castro - IdA/CEN/UnB

**Examinador**



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Cruccioli Ribeiro**, U  
Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Felicia Johansson Carneiro**, U  
às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instru



Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cassia de Almeida C**  
26/12/2023, às 20:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundame



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.unb.br>  
verificador **10697303** e o código CRC **F8C58F68**.

**Referência:** Processo nº 23106.142903/2023-89

## DEDICATÓRIA

Dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso à minha amada, linda e elegante mãe Maria Irismar de Freitas, por ter descoberto o programa Enceja<sup>1</sup> e, assim, ter me ajudado e incentivado a voltar a estudar. Ao meu amado pai Juracy Lopes de Barros, que junto com minha mãe batalharam pela nossa educação e ficaram felizes pela minha graduação numa instituição como a Universidade de Brasília. Papai e mamãe sonharam formar os filhos e agora, do céu, papai acompanhará minha vitória, enquanto a mamãe segue me incentivando e apoiando minhas escolhas. Ao meu filho gato de quatro patas, meu companheiro por dezoito anos. À minha irmã Danielle Pavie Ribeiro Barros que graças a ela, também, me manteve sonhando, realizando e respirando nas artes, sempre segurando minha mão com seu amor e apoio incondicional. Ao meu irmão João Ricken que esteve a postos durante toda a graduação, uma vez que, além de ter se graduado em Artes Cênicas na Universidade de Brasília, em 2020, agora me inspira com seu Mestrado em artes na UFBA. João, meu talentoso irmão, brilha na atuação, dramaturgia, direção e tudo que se propõe realizar. Também nossa linda amizade: pirações, inspirações e respirações na vida e na arte. À minha irmã Bárbara por sua presença querida na minha vida, apoiando carinhosamente todas as minhas escolhas. Às minhas irmãs Manuela Lopes de Barros, Paloma Lopes de Barros e à esposa viúva do papai, Janete Lopes de Barros Ricken. Ao Alberto Pavie, Renato Abreu e suas respectivas famílias por fazerem parte da minha caminhada. Dedico, também, aos meus sobrinhos Arthur, Anne, Matheus, Clara, Sophia, Iana, Levi e Gustavo que a cada sorriso e abraço regam meu jardim em busca da minha evolução na vida pessoal e profissional. Dedico aos saudosos vovó Isabel e vovô Antônio. À avó Noemia Freitas e ao avô Seu Freitas. À minha querida e talentosa tia Elza, tia Neném, à mãe de todos. Ao saudoso tio Luís, à Tia Daci, à tia Marilac, ao tio Izaac, tio Beto, tio Afrânio, às minhas primas e primos e à toda minha família pelo presente da presença em minha vida, fortificando e lembrando, na minha existência diária, que somos raízes. Dedico também à minha amada família americana que conquistei e seguimos nos abraçando desde quando fiz intercâmbio cultural em Michigan, nos Estados Unidos, 1995. À querida bela mãe Linda Phaneuf, ao paizinho Thomas Phaneuf, que virou estrela em 2010, às irmãs Megan, Kristen e suas famílias.

---

<sup>1</sup> O Enceja é direcionado aos jovens e adultos residentes no Brasil ou no exterior que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos em idade própria e que atendam ao art. 38, §1º e §2º da Lei de Diretrizes e Base (LDB), a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996: tenham, no mínimo, 15 anos completos na data de realização do Exame, para quem busca a certificação do ensino fundamental; ou tenham, no mínimo, 18 anos completos na data de realização do Exame, para quem busca a certificação do ensino médio.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao professor Ricardo Cruccioli Ribeiro que através de sua pedagogia amorosa me afetou profundamente me fazendo sentir amparada, guiada e amada nesse processo. Também, o professor esteve presente em todos os momentos com sua maneira inspiradora de tecer o coração com a razão de um jeito como fazem os poetas. Que luz o professor! Ah, Professor Ricardo que fez magia com o tempo me deixando tranquila e esteve de prontidão em todos os momentos.

Ao querido Tutor Francisco, do Polo de Santos/SP, que apoiou e incentivou meu percurso com seu carinho todo especial por nós, alunos, e nossas questões a todo e qualquer momento ou situação. Outra pessoa que dialoga com afeto, paciente e parceiro, em toda a caminhada.

Aos Coordenadores do curso; a professora Sulian Vieira Pacheco e o professor César Lignelli que nos acompanharam prezando a qualidade e trocas com escuta. Com muito carinho e apreço agradeço à Universidade pelo alicerce e as aberturas de janelas para um olhar mais burilado para o meu próprio universo, para as pessoas, para o mundo, para a arte e para a educação.

Aos docentes que me proporcionaram aprendizado, troca, arte, amor e aconchego. Lembrando que enfrentamos a pandemia juntos, descobrindo o novo, reinventando os caminhos e nos abraçando em todos os momentos. Um processo lindo, mesmo na diversidade e até na lastimável hora do luto, no meu caso, pela passagem do meu pai, meu papai, meu papito. Gratidão eterna aos que ocupam o lugar de ensinar, pois através delas e deles, muitas vezes sorri, sonhei e voei. As amigas que fiz neste percurso, como a querida Viviane Pinheiro, do Polo de Santos, e os demais colegas compreendendo, na pele, que não estamos sós e juntos somos mais fortes. Trocas fundamentais e relevantes nesta formação à distância recheadas de afeto, respeito e carinho pela educação e pelas artes, em especial o teatro que consegue reunir todas, até mesmo numa pandemia.

Obrigada às instituições que me acolheram: a Escola Estadual Doutor Alarico da Silveira, ABR Produção Cultural em São Paulo e o Colégio Rogacionista em Brasília. Aos coordenadores generosos e afetuosos, ao professor Sandro Novaes Pereira, ao professor Arnaldo Naca, ao professor, diretor e professor Nando Villardo e ao professor, diretor e ator Dan Rosseto.

Outro agradecimento é para Ricardo Peres, meu querido amigo, professor, fotógrafo e diretor de cinema por ter gravado minha prova prática para o vestibular e estar sempre comigo. Também, ao amigo, diretor, pesquisador e professor Rafael Bicudo por ter sugerido Joana de Gota D'água para a prova prática. Esses artistas e educadores florescem minhas potencialidades. Outro agradecimento, ao Cineclube, com a curadoria do amigo do coração, cineasta e roteirista Geison Luz, aos integrantes do clube: Mirella Tronkos, Pedro Karg, Nelson Zito, Naise Aquino, Bruna Mascarenhas, Conrado Costa, Andrei Bohler, Thaís Cabral, Ana Tardivo, Luciana Afonso e outros artistas por terem caminhado comigo neste percurso onde enfrentamos quatro anos de sucateamento na educação e nas artes. E claro, a pandemia. Agradeço nossos encontros on-line que serviram de salva-vidas e por estarmos vivos.

Ao querido amigo, o cineasta José Eduardo Belmonte pelas inspirações como o objeto dessa pesquisa. Ao ator, amigo-irmão Similião Aurélio, aos amigos Nando Villardo e Néia Paz por fazerem parte da minha vida e pelas contribuições inestimáveis na minha formação. Ao Marcos Antônio Trocoli Umanto, músico, multiartista e pai do nosso gato Tom Bebê Lopes de Barros Trocoli, pelas parcerias artísticas que semeamos e por me incentivar a graduar.

À Professora e amiga Patrícia Torres e à atriz Gabriela Correa por suas contribuições, em especial, nesta pesquisa. Ao grande ator, artista, mestre e referência nas artes, o querido Antônio Pitanga por sua generosa contribuição para refinar essa investigação. À a minha ex-terapeuta Iara Patarra de Toledo, pelo cuidado, incentivo, fé nas minhas habilidades, o apoio e carinho. E, por fim, a maravilhosa amiga Ava Sherdien por revisar este trabalho.

Devido a essas parceiras e parceiros, e felizmente mais amores, cheguei até aqui tendo aprendido com afetividade nessa trajetória. Sou grata a todos os pesquisadores, docentes, discentes e artistas. Aos que acreditaram em mim, como todos os profissionais com quem trabalhei e me confiaram o mundo lúdico, sensorial, vivo, artístico, instigante e apaixonante das personagens no universo das artes cênicas. Aos que fizeram história comigo nos palcos e nas telas. E, por fim, obrigada aos que fortificaram meu coração e minha coragem para a realização da minha graduação em Licenciatura em Teatro. Gratidão recheada de amor e arte!

Como Ubuntu, eu sou porque nós somos. “Ubuntu” é uma palavra de origem africana, que resume uma cosmovisão através da filosofia “eu sou porque nós somos”. Assim, agradeço a cada coração conectado ao meu.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema a relação entre o cinema e a educação, em recorte que se faz entre o cinema nacional e o ensino de teatro na educação básica. Uma pesquisa motivada por anseios e reflexões pessoais e profissionais da pesquisadora a partir da seguinte problemática: como obras cinematográficas brasileiras, enquanto ferramentas didáticas em processo de escolarização na educação básica, podem contribuir com o ensino de teatro? Para tanto, objetivou-se refletir sobre a relação entre cinema e educação, mediante análises de alguns estudos sobre o assunto e análise da 1ª edição do projeto “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro”, da Associação Amigos do Cinema e da Cultura (AACIC), que se realizou no Distrito Federal, entre os meses de fevereiro e março de 2023, com a finalidade de apontar possíveis contribuições de obras cinematográficas brasileiras ao ensino do teatro na educação básica. Enquanto procedimentos metodológicos, foram realizados estudos bibliográficos sobre o tema e o recorte que abarcam a pesquisa; estudos e análise sobre o projeto “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro”; a realização de quatro entrevistas, sendo três delas com integrantes que fizeram parte do citado projeto e a análise dos dados colhidos durante as pesquisas. Como resultado afirma-se que obras cinematográficas brasileiras, em situações específicas, podem, sim, servir de alicerce ao ensino do teatro na educação básica. Conclui-se ainda que este é um estudo que não se encerra com este trabalho. Muito ainda pode e deve ser discutido sobre o assunto, mas que esta relação cinema nacional-ensino de teatro é cabível e válida.

**Palavras-chave: Cinema, Educação básica, Obras cinematográficas brasileiras, Ensino do teatro**

## **ABSTRACT**

This Course Completion Work (TCC) has as its theme the relationship between cinema and education, focusing on national cinema and theater teaching in basic education. A research motivated by the researcher's personal and professional desires and reflections based on the following problem: how can Brazilian cinematographic works, as teaching tools in the schooling process in basic education, contribute to the teaching of theater? To this end, the objective was to reflect on the relationship between cinema and education, through analysis of some studies on the subject and analysis of the 1st edition of the project "Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro", from the "Associação Amigos do Cinema e da Cultura" (AACIC), which took place in the Federal District, between the months of February and March 2023, with the purpose of highlighting possible contributions of Brazilian cinematographic works to the teaching of theater in basic education. As methodological procedures, bibliographical studies were carried out on the topic and the scope that covers the research; studies and analysis of the "Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro" project; carrying out four interviews, three of which were with members who were part of the project and analyzing the data collected during the research. As a result, it is stated that Brazilian cinematographic works, in specific situations, can indeed serve as a foundation for the teaching of theater in basic education. It is also concluded that this is a study that does not end with this work. Much can and should still be discussed on the subject, but this relationship between national cinema and theater education is appropriate and valid.

**Keywords: Cinema, Basic education, Brazilian cinematographic works, Theater teaching**

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar. (FREIRE,1997, p. 79)

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Cartaz de divulgação do projeto “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro” (2023) .....	27
Figura 2: estudantes e docentes do ensino médio de escola pública do DF assistindo ao filme O Pastor e o Guerrilheiro (2023) de José Eduardo Belmonte .....	27
Figura 3: Debate realizado ao término de uma das exibições da primeira edição do projeto “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro” .....	28
Figura 4: Fachada do Bijou Theatre, primeiro cinema na cidade de São Paulo .....	32
Figura 5: Gabrielle Lopes em cena do filme a concepção (2004), de José Eduardo Belmonte	35
Figura 6: Gabrielle Lopes em cena do filme O Primeiro dia do Resto da Minha Vida (2010), de Karim Aïnouz .....	36
Figura 7: Em cena a atriz Gabrielle Lopes com o ator Antônio Pitanga no curta-metragem "Riscados Pela Memória" (2019), de Alex Vidgal.....	36
Figura 8: Divulgações de alguns trabalhos de Gabrielle Lopes .....	36
Figura 9: Card realizado por Amanda Stefani para divulgação do filme:"O Espaço Infinito"	37

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – RELAÇÃO ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO .....	14
1.1 – Educação básica e ensino de teatro: breve explanação .....	14
1.2 – A relação de proximidades entre cinema e teatro: algumas considerações .....	18
1.3 – Cinema e educação: relação possível.....	20
CAPÍTULO 2 – CAMINHOS QUE ATRAVESSAM A RELAÇÃO CINEMA NACIONAL E O ENSINO DO TEATRO.....	24
2.1 – Projeto “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro”: uma ilustração de como cinema e educação se relacionam positivamente na prática .....	24
2.2 – O cinema nacional: breve trajetória .....	30
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	44

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema a relação entre cinema e a educação, em recorte que se faz entre o cinema nacional e o ensino de teatro na educação básica. A pesquisa surgiu a partir de anseios e reflexões que consideraram tanto as minhas experiências de atriz, em trajetória que se construiu artisticamente entre o teatro e o cinema, quanto a minha formação docente nesta Licenciatura em Teatro.

Resumidamente, iniciei os meus estudos em interpretação aos nove anos de idade. Integrei o grupo “Néia e Nando<sup>2</sup> de teatro até os dezessete, momento que fui estudar “Drama” na Lansing Community College (LCC), em Michigan, nos Estados Unidos, onde me formei em Artes Cênicas (2000). Depois disso, retornei à Brasília e iniciei minha jornada no cinema ao ser escalada em audição para o Filme “Subterrâneos”, lançado em 2003, de José Eduardo Belmonte. Em 2004, fiz parte o elenco do Teatro da Vertigem<sup>3</sup> para a montagem da peça “BR3”. E a partir daí, não parei mais, sempre atuando numa ou noutra área ou nas duas ao mesmo tempo.

Meus trânsitos como atriz no teatro e no cinema me guiaram, pouco a pouco, para a educação: o local onde tenho pensado e buscado compreender pontes possíveis entre o cinema nacional e o ensino de teatro na educação básica. Isso, partindo de inquietações que me geram algumas perguntas, como estas: existe relação entre cinema e educação? É cabível a utilização de obras cinematográficas em ambiente escolar para além do entretenimento? E, que importância tem o cinema brasileiro para a educação formal, em especial o ensino de teatro? Essas inquietações, as reflexões a que me refiro no primeiro parágrafo e mais o amor nutrido tanto pelas artes cênicas quanto pela dita sétima arte são o que motivaram a investigação que se realizou com esta pesquisa a partir da seguinte problemática: como obras cinematográficas brasileiras, enquanto ferramentas didáticas em processo de escolarização na educação básica, podem contribuir com o ensino de teatro?

---

<sup>2</sup> A Companhia Teatral Néia & Nando foi idealizada pelo casal Alcinéia Paz e Armando Villardo em Brasília, no ano de 1999. Na época, o casal criava mensalmente uma peça de teatro, muitas vezes com base em alguma obra cinematográfica, destinada ao público infantil. Aos poucos foram construindo sua história de mais de 20 anos de trajetória, e formando plateias, com apresentações que, por muitos anos se mantiveram fiéis aos sábados e domingos, principalmente no Teatro da Escola Parque 307/308 Sul de Brasília.

<sup>3</sup> O Teatro da Vertigem (SP), coordenado pelo professor e artista cênico Antônio Araújo, teve início em 1992 com o espetáculo O Paraíso Perdido, apresentado na Igreja Santa Ifigênia, na cidade de São Paulo/SP. Ao longo de sua trajetória, se compôs de diversos artistas que contribuíram com a construção de diversos espetáculos teatrais, como O Livro de Jó (1995), apresentado no Hospital Humberto Primo em São Paulo/ SP.

Dito isso, este TCC tem como objetivo geral refletir sobre a relação entre cinema e educação, mediante análises de alguns estudos sobre o assunto e análise da 1ª edição do projeto “Cinema nas Escolas”, da Associação Amigos do Cinema e da Cultura (AACIC), que se realizou no Distrito Federal, entre os meses de fevereiro e março de 2023, com a finalidade de apontar possíveis contribuições de obras cinematográficas brasileiras ao ensino do teatro na educação básica.

Já os objetivos específicos são três:

- Realizar estudos que abarque: a relação entre cinema e educação; o cinema brasileiro de modo geral; e, a relação entre cinema e teatro, com o propósito de encontrar argumentos que sustentem a finalidade descrita no objetivo geral.
- Contextualizar a 1ª edição do projeto “Cinema nas Escolas”, realizado no DF, a fim de ilustrar na prática os benefícios da relação entre cinema e educação.
- Formular e aplicar questionários online com pessoas participantes do projeto “Cinema nas Escolas”, a fim de levantar dados que, somados aos dois objetivos anteriores, servirão como base para cumprir com a finalidade prevista no objetivo geral.

Descritos os objetivos, me apoio em Rosália Duarte, que se refere ao cinema como “uma prática social importante que atua na formação geral das pessoas” (DUARTE, 2002, p. 14), para defender que esta é uma pesquisa que se justifica, em âmbitos acadêmico e social, na perspectiva da contribuição em discussões acerca da temática tratada neste trabalho e no fortalecimento positivo que se dá, mediante os resultados alcançados, ao destacar os ganhos de se utilizar pedagogicamente o cinema nacional em ambiente educacional. Como bem diz Inês Teixeira e José Lopes:

O cinema é uma forma de criação artística, de circulação de afetos e de fruição estética. É também uma certa maneira de olhar. É uma expressão do olhar que organiza o mundo a partir de uma ideia sobre esse mundo. Uma ideia histórica, social, filosófica, estética, ética, poética, existencial, enfim. Olhares e ideias postos em imagens em movimento, por meio dos quais compreendemos e damos sentido às coisas, assim como as ressignificamos e expressamos (TEIXEIRA; LOPES, 2008, p. 10).

Enquanto procedimentos metodológicos, foram realizados estudos bibliográficos sobre o tema e os conceitos que abarcam a pesquisa; estudos e análise sobre o projeto “Cinema nas Escolas”; a realização de três entrevistas com integrantes que fizeram parte desse projeto: o diretor de cinema José Eduardo Belmonte, o ator Similião Aurélio e a atriz Gabriela Correa; e a análise dos dados colhidos nessas entrevistas. Também, com o propósito de enriquecer a

pesquisa, o depoimento do ator e diretor Antônio Pitanga<sup>4</sup>. Os quatro entrevistados responderem ao mesmo questionário, compreendendo que Pitanga não participou do projeto “Cinemas nas Escolas”, porém com sua vasta experiência no cenário cultural e sua importância para a arte brasileira, o convidei a participar dessa investigação no intuito de somar sua vivência nas artes embasando o projeto.

Conceitualmente, exceto a noção de educação básica, esse trabalho não se prendeu em conceitos específicos, mas perpassou por estudos que permitiram dialogar em especial com o ensino de teatro, com o cinema e com a educação. A exemplo, foram lidos: Elazier Barbosa (2010), Paulo Freire (1991; 1996; 1997; 2014) e Leonardo Carmo (2003).

Por fim, além deste texto introdutório e da conclusão, este TCC se estrutura em dois capítulos. O primeiro, intitulado “Potencialidades do cinema brasileiro no âmbito da educação básica”, apresenta o objeto de pesquisa; faz uma breve descrição sobre o cinema nacional para, então, discorrer sobre a possibilidade de relação entre este e a educação básica; e, contextualiza o projeto “Cinema nas Escolas”, a partir do qual a pesquisa foi construída.

O segundo capítulo: “Caminhos que atravessam a relação cinema nacional e o ensino do teatro”, trata da relação cinema teatro a partir de algumas considerações, abarca o cinema nacional como suporte ao ensino do teatro e apresenta as reflexões sobre os dados levantados com as entrevistas que foram realizadas.

---

<sup>4</sup> Antônio Pitanga é um renomado ator e diretor brasileiro, nascido em Salvador, Bahia, em 13 de junho de 1939. Sua carreira artística abrange décadas e é marcada por contribuições significativas para o cinema e o teatro brasileiros.

## **CAPÍTULO 1 – RELAÇÃO ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO**

Este capítulo se construiu com o desejo de abarcar brevemente a possibilidade de relação entre o cinema e a educação. Para tanto, antes de chegar nesse lugar, fez-se necessário, em narrativa que se construiu com base nos objetivos deste TCC, discorrer um pouco sobre a educação básica e o ensino de teatro e sobre as proximidades entre o cinema e o teatro.

### **1.1 – Educação básica e ensino de teatro: breve explanação**

Este TCC se construiu com o objetivo geral de refletir sobre a relação entre cinema e educação, mediante análises de alguns estudos sobre o assunto e análise da 1ª edição do projeto **“Cinema nas Escolas”, da Associação Amigos do Cinema e da Cultura (AACIC)**, que se realizou no Distrito Federal, entre os meses de fevereiro e março de 2023, com a finalidade de apontar possíveis contribuições de obras cinematográficas brasileiras ao ensino do teatro na educação básica.

Trata-se de uma pesquisa definida a partir de inquietações que surgiram de anseios e reflexões que consideram tanto a minha trajetória de atriz, especialmente no teatro e no cinema, mas também na televisão, quanto a minha formação docente nesta Licenciatura em Teatro: o espaço formativo que me reaproximou, e fez eu me sentir mais pertencente, do universo da educação formal, da escolarização: em especial da educação básica e do ensino de teatro direcionado a estudantes do ensino fundamental e médio.

Antes de prosseguir, toca dizer que este trabalho, dada a sua estrutura e o foco da pesquisa, não tem a finalidade de apresentar e definir de modo detalhado e profundo a educação básica e ensino de teatro no âmbito dessa educação, embora esses dois lugares sejam citados no objetivo geral. Mas cabe registrar, em acordo com o inciso I, do artigo 21, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/1996), que a educação básica é “formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio”.

Elazier Barbosa é um educador que aborda a importância da educação básica em seu trabalho. Ele ressalta a necessidade de uma educação de qualidade desde os primeiros anos de vida, destacando que é nessa fase que são estabelecidas as bases para o aprendizado futuro. Barbosa (2010) destaca que a educação básica deve acolher e proporcionar uma educação de qualidade a todas as pessoas que a acessam, independentemente de sua origem social, econômica, cultural, étnica ou religiosa. Além disso, ele enfatiza a importância de uma

formação crítica e reflexiva, que promova o pensamento autônomo e o respeito à diversidade, o que veremos, dialoga bem com o que se almeja com o ensino do teatro.

Ancorada na Lei LDBEN, a educação básica é a primeira fase da escolarização de um indivíduo, possuindo, em cada das suas etapas, importância significativa na formação desse indivíduo para suas relações e vivências dentro e fora da escola, o que dialoga bem com a noção de educar defendida por Elazier Barbosa, que diz:

Educar vem da expressão latina educare, por sua vez ligada a educere, verbo composto do prefixo ex, que quer dizer fora, e ducere, que significa conduzir, levar. Logo, educar é literalmente conduzir para fora, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo" (BARBOSA, 2010, p.250).

Continuando, em acordo com a LDBEN/96, artigo 22, a educação básica *“tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”*, lugares que defendo dialogar bem tanto com os ganhos oriundos da apreciação de obras cinematográficas brasileira, quanto com os ganhos oriundos do ensino do teatro.

É cabível de registro também que a LDBEN/96, revogando dispositivos anteriores, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971, Lei nº 5.692/71, expressa a obrigatoriedade do ensino de artes enquanto disciplina na educação básica, conforme nos apresenta o seu artigo 26, parágrafo 2º que diz: *“o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”*

Até então, conforme relatam Roberta Wisniewski e Robson Rosseto, no artigo “O Ensino do Teatro na Base Nacional Comum Curricular” (2021), o ensino da arte na educação básica não era obrigatório. A LDBEN/71 incluiu a arte em seu texto como matriz curricular como o título de Educação Artística, considerada *“atividade educativa, e não disciplina”* (WISNIEVSKI; ROSSETO, 2021, p. 1515).

Nota-se que embora a LDBEN/96 tenha sido um avanço para o ensino da arte, o referido documento não abarcava em seu texto a obrigatoriedade específica de cada linguagem: artes visuais, dança, música e teatro, o que contribuiu, em muitos lugares, para o fortalecimento e predominância de um ensino de artes nas escolas de educação básica pautado *“na atuação do professor polivalente, contexto no qual o docente habilitado na área específica desenvolve ao longo do ano letivo proposições de todas as linguagens artísticas em sua ação pedagógica”* (WISNIEVSKI; ROSSETO, 2021, P. 1516).

Sobre o ensino de teatro, especificamente, sua obrigatoriedade na educação básica, embora ele fosse lecionado em diversos estabelecimentos regulares de ensino brasileiros desde antes desse momento, se deu com a Lei nº 13.278 de 2 de maio de 2016, que, conforme o seu artigo 1º, alterou o parágrafo 6º do art. 26 da LDBEN/96, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino de arte. Com a citada Lei passou a vigorar o seguinte texto no parágrafo 6º da LDBEN/96: “as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o parágrafo 2º deste artigo”.

Ou seja, o ensino de teatro, no componente de Arte, tornou-se de fato obrigatório na educação básica em maio de 2016. Discussões em torno dele, no entanto, acontecem há muito mais tempo, conforme verificado nas disciplinas que foram cursadas ao longo desta Licenciatura em Teatro e em leituras como a de Adenildo Guedes (2022), que em seu artigo “As contribuições do teatro para a educação no contexto do ensino fundamental”, afirma que “a relevância do teatro no campo da educação é significativa no que diz respeito ao quanto se pode aproveitar da linguagem teatral para o desenvolvimento das crianças. Esse entendimento não é recente posto que já muito se discute essa questão” (GUEDES, 2022, p. 200).

Aqui, como dito antes, sem aprofundar nessa questão, interessa dizer que o ensino de teatro na educação básica, seja por meio da teoria, seja por meio da prática, permite aos educandos, em diferentes abordagens e temáticas, dialogando bem com a finalidade da educação básica (LDBEN/96, art. 22), dentre outros ganhos, em acordo com Wisniewski e Rosseto (2021, p.14), “refletir sobre suas atitudes diante do mundo”, “explorar diferentes elementos envolvidos na composição dos acontecimentos cênicos”, “desenvolver aprendizados associados com o mundo do trabalho do universo cênico, experimentando como ocorre o processo criativo e a apresentação de um espetáculo”.

E mais, fazendo uso dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação: Artes (PCN/1997) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018)

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio (BRASIL/MEC, PCN, 1997, p. 57).

O teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é locus de criação funcional de tempos e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuantes e espectadores. O fazer teatral

possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória e a emoção. (BRASIL/MEC, BNCC, 2018, p. 196).

Os dois trechos citados, reforçam o quão significativo e potente é o ensino do teatro na educação básica, de modo a contribuir socialmente, dentre outros pontos que poderiam ser elencados com as relações de alteridade entre os estudantes (não apenas as crianças, mas também adolescentes, jovens e adultos) e entre esses e as pessoas com quem eles se relacionam cotidianamente. E que proporciona a esses alunos a ampliação de suas bagagens culturais e suas percepções e capacidades sensíveis e críticas de ler o mundo do qual eles fazem parte, como almeja Paulo Freire em seu texto “A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam” (1991).

Dialogando bem com isso, nas palavras de Guedes (2022), o ensino de teatro na educação básica contribui, eu diria, assim como as fruições em teatro e cinema:

para a promoção do desenvolvimento social; aquisição de autoconceito positivo; desenvolvimento de aspectos emocionais, físicos, intelectuais, de memorização, recitação, interpretação e criação; trabalho em equipe; o sentido de responsabilidade e compromisso; além de promover a integração de diferentes habilidades, como: fala, escrita, expressão afetiva, coordenação motora etc. (GUEDES, 2022, p. 209).

Finalizando, ainda nas palavras do autor, o ensino do teatro na educação básica “é importante, dada suas contribuições na formação pessoal, acadêmica e na ampliação da visão de mundo do indivíduo para a vida em sociedade” (GUEDES, 2022, p. 210).

Posto isso, retorno um pouco para dizer que desde muito cedo, ainda criança, via as artes integradas à educação e vice-versa, pois as identifico como aliadas intrínsecas. Isso de modo mais amplo, até um tempo atrás, especialmente na educação não formal<sup>5</sup>.

Com a educação formal, foi nesta graduação, na perspectiva da docência, sobretudo quando iniciei os Estágios e meu contato mais direto com as escolas, que comecei a me questionar sobre muitas situações até a definição da pergunta problema deste trabalho: como obras cinematográficas brasileiras, enquanto ferramentas didáticas em processo de escolarização na educação básica, podem contribuir com o ensino de teatro?

Certamente, considerando os benefícios da relação entre cinema e educação, como veremos mais adiante, muitas são as possibilidades. Até porque, como afirma Edileuza Souza,

---

<sup>5</sup> Neste TCC, compreende-se a educação não-formal como ações e práticas pedagógicas sem fins de escolarização, realizadas em ambientes diversos, que compreendem atividades estruturadas com o objetivo de transmitir conhecimentos, habilidades e valores a grupos específicos de pessoas. Diferente da educação formal, que ocorre dentro de instituições educacionais como escolas e universidades e segue um currículo oficial, a educação não-formal é mais flexível, adaptando-se às necessidades e interesses dos participantes.

no artigo “Negritude, Cinema e Educação: caminhos para a implementação da Lei nº 10.639/2003” (2006), “o cinema é um rico material didático”. Agente socializador que desperta interesses teóricos, questionamentos sociopolíticos e enriquecimento cultural” (SOUZA, 2006, p. 9), seguido de: o cinema é ainda “um instrumento didático capaz de proporcionar reflexões e encantamentos” (SOUZA, 2006, p. 16).

## **1.2 – A relação de proximidades entre cinema e teatro: algumas considerações**

Cinema e teatro são duas linguagens artísticas que possuem proximidade entre si. Para Álvaro Pereira, em seu artigo “Teatro, cinema, diálogos e relações: Boca de Ouro e seus contextos” (2015), são dois fazeres artísticos que possuem relação potente, entrelaçada por diálogos que perpassam muitos lugares, o que para mim reforça positivamente a ideia de proximidades entre as duas linguagens. Isso, é fato, respeitadas as especificidades de cada uma, visto, dentre outras questões que as diferenciam, que uma se consolida, por meio de uma tela, com a exibição da obra filmada, e já finalizada, para o público (cinema), e a outra, por sua vez, ao vivo, com a apresentação da obra, passível de modificações, a depender das interferências da plateia, no mesmo espaço em que esse grupo de pessoas se encontra (teatro).

Por esse caminho, o das proximidades, pois esse é local ao qual esta pesquisa teve o seu olhar, eu diria que discussões em torno da relação entre cinema e teatro é algo que informalmente se faz, de mesas de bares a universidades, desde que o cinema nasceu, no final dos anos de 1800<sup>6</sup>. Muito se dialoga sobre essa relação: do levantamento e discussões de pontos que abarcam funções e/ou semelhanças entre as duas linguagens artísticas, como por exemplo: direção, interpretação, iluminação, sonoplastia, pesquisa, elaboração e construção de personagens, figurinos, cenografia e maquiagens até modos sobre como uma linguagem interfere e/ou contribui na outra e com a outra.

Além dos pontos elencados rapidamente no parágrafo anterior, percebeu-se com os estudos realizados durante a pesquisa que se descreve neste trabalho, que cinema e teatro são artes que ultrapassam o lugar do entretenimento, contribuindo com discussões e transformações sociais ao oportunizar representações cotidiana de nossas vivências:

são lugares possíveis de ilustrar artisticamente, em recortes específicos, a sociedade em que vivemos e de provocar criticamente em seus espectadores,

---

<sup>6</sup> A palavra cinema é uma abreviação de “cinematográfico”. Com origem em duas palavras gregas: “cine”, que significa movimento, e ágrafo, que significa gravar. Logo, a palavra cinema significa movimento gravado. A História do cinema começa bem antes da primeira exibição dos irmãos Auguste e Louis Lumière, em 1895. Essa mágica sétima arte teve início, na verdade, com uma invenção chamada cinetoscópio, em 1889. Informação retirada do site <https://wscm.com.br/qual-a-origem-do-cinema/> visto em 28/11/2023.

por meio dessas ilustrações, discussões que nos são importantes e urgentes em diferentes vertentes de nossas existências humanas, pois são linguagens artísticas que se estabelecem como meios de informação alternativos, fortemente conectados ao público e à sua recepção” (PEREIRA, 2015, p. 30).

Ou seja, tanto cinema quanto teatro, concordando com Pereira (2015), possuem potencial narrativo: a capacidade de retratar criticamente questões complexas de nossa realidade. E que ao cumprirem com isso, nos permitem refletir sobre assuntos urgentes de serem visibilizados, verbalizados e discutidos coletivamente, como o feminicídio, a fome, o desemprego, o racismo, as violências de gênero, classe e raças e outras que são direcionadas a grupos minoritários etc. A exemplo, dentre inúmeras outras obras que poderiam ser citadas aqui, trago os filmes “Cidade de Deus” (2002), de Fernando Meirelles, que versa sobre o crime organizado e as violências oriundas deles e “Baronesa” (2017), de Juliana Antunes, que nos permite refletir sobre as diferenças que assolam o Brasil, ao abarcar a realidade da mulher periférica.

Considerando esse lugar de construção potente de narrativas tanto no cinema, quanto no teatro, criando aqui mais um vínculo de proximidade entre essas duas artes, vemos em “A Linguagem do Cinema: Uma Introdução” (2021), de Rodrigo Carreiro, que a estrutura de modelos de narrativa mais comum de uma obra cinematográfica possuem origens no “teatro praticado na Grécia antiga, seguindo a forma que Aristóteles apontou na Poética (escrita quase 400 anos antes de Cristo): a divisão em três atos - exposição, conflito e clímax” (2021, p. 33). Ou seja, ainda que o cinema tenha descoberto e faça uso de outros modos de construção e escrita de suas narrativas, a dramaturgia teatral foi fonte para isso em alguns momentos.

Seguindo a linha das narrativas entre as duas linguagens, foi percebido com base nos estudos que foram realizados durante a pesquisa, um número significativo de artigos que versam sobre a relação cinema-teatro a partir de reflexões realizadas acerca de textos dramaturgicos adaptados para o cinema. Muitos estudos, seja na perspectiva das semelhanças, seja na perspectiva das diferenças, estão criando diálogos entre a obra realizada tanto no teatro como no cinema. O que é visto, por exemplo, no artigo de Álvaro Pereira (2015), que traça as suas reflexões sobre a relação entre cinema e teatro considerando a peça Boca de Ouro (1959), de Nelson Rodrigues, e o filme de mesmo nome (1963), de Nelson Pereira dos Santos.

Por fim, com o avanço das tecnologias digitais, e isso se dilatou e ficou mais evidente nesses últimos anos, em razão da Pandemia da Covid-19<sup>7</sup>, cada vez mais o teatro tem se utilizado da linguagem do audiovisual em suas obras artísticas. E o cinema, do mesmo modo, o que não é uma novidade, tem se utilizado de técnicas teatrais em preparação de elenco para suas filmagens.

Posto tudo isso, compreende-se que cinema e teatro são linguagens independentes, mas que possuem muitos lugares cabíveis de diálogos. Lugares que aproximam as duas artes e que, defendendo, contribuem positivamente com as possibilidades existentes em cada uma delas. A exemplo, a utilização de obras cinematográficas como suporte para o ensino do teatro em algumas ocasiões, como veremos mais adiante.

### **1.3 – Cinema e educação: relação possível**

Desde o início desta graduação, considerando minhas experiências profissionais e os meus anseios pessoais, almejava encontrar um lugar que eu pudesse pensar o ensino do teatro em diálogo com cinema nacional. Chegar nesse lugar, porém, exigiu antes que eu trilhasse alguns percursos. Nesse sentido, um dos primeiros questionamentos feitos por mim quando decidi realizar esta pesquisa foi: existe uma relação entre cinema e educação?

Ancorada em meus próprios desejos, por ser atriz de cinema e estudante da Licenciatura em Teatro, me formando professora pela Universidade de Brasília, já tinha uma resposta pronta em minha cabeça: sim. Mas eu tinha como objetivo encontrar essa mesma resposta em outras pessoas para que eu pudesse embasar aquilo que tenho defendido: é possível, em alguns aspectos e em contextos específicos, é fato, ensinar teatro por meio do cinema nacional.

E foi em busca de outros Sins que me deparei com o artigo da InfoEscola<sup>8</sup> “Relação entre Cinema e Educação”<sup>9</sup> de Gabriela E. Possolli Vesce (sem ano e sem número de página informados). Em seu texto, já nas primeiras linhas, a autora afirma que “a relação entre cinema

---

<sup>7</sup> COVID-19 (Coronavírus Disease 2019) É uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O nome COVID -19 foi retirado das palavras “vírus” e “doença”, com 2019 representando o ano em que surgiu (o surto foi relatado à OMS em 31 de dezembro de 2019). O SARS-CoV-2 foi identificado pela primeira vez em seres humanos em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Pensa-se que o SARS-CoV-2 seja de origem animal. Artigo disponível em <http://citolab.com.br/blog/covid-19>, visto em 28/11/2023.

<sup>8</sup> InfoEscola: Navegando e Aprendendo é um site sobre educação em diversas áreas do conhecimento, com artigos escritos por especialistas de cada dessas áreas.

<sup>9</sup> Artigo disponível em <https://www.infoescola.com/pedagogia/relacao-entre-cinema-e-educacao/>, visto em 10/06/2023.

e educação, seja no contexto da educação escolar ou da educação informal, é parte da própria história do cinema” (VESCE, s.d., n.p.).

Ou seja, o cinema ensina a promover diferentes experiências por meio da fruição da obra de arte. Nesse aspecto, inclusive, o que reforça a minha afirmação, Rosália Duarte, em seu livro “Cinema & Educação” (2002, p.17), diz que “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.”

Caminhando, a questão seguinte, especialmente por conta de algumas conversas informais que tive, durante os meus estágios em teatro, com algumas pessoas que atuam como docente em escolas de educação básica foi: mas é cabível a utilização de obras cinematográficas em ambiente escolar para além do entretenimento? Sobre isso, a citação que fiz de Duarte no parágrafo anterior já seria resposta suficiente. Nesse aspecto, aliás, todo o livro de Duarte (2017) poderia ser utilizado como forma de dizer sim à pergunta feita: dentre os porquês que poderiam ser elencados, nele a autora reconhece e valida o caráter pedagógico do cinema.

Mas outras respostas também me chegaram. Encontrei no artigo Cinema, teatro, criatividade: metodologias ativas na formação discente do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Pedagogia-UFV (2017), de Emiliana Marques, Rita Souza e Vanessa Zico o seguinte:

No que tange ao cinema, compreende-se que muitas vezes o audiovisual é apropriado na escola como um instrumento pedagógico, seja para ilustrar o conteúdo de uma disciplina ou suscitar o debate de algum tema, como também para proporcionar um momento de enfrentamento aos alunos ou até mesmo para preencher um horário vago. Porém, ao considerar o ato de ver filmes como alternativa para sair da rotina e utilizá-lo apenas para os propósitos citados anteriormente, talvez pela desconhecida bibliografia sobre cinema e educação e a própria dificuldade de acesso às diversas manifestações do cinema, se desconsideram todas as potencialidades de experiência estética, política e social possíveis com esta prática.” (MARQUES; SOUZA; ZICO, 2017, p. 694).

Ou seja, o cinema pode ser de grande valia em sala de aula, em especial em tempos como os atuais em que discentes e docentes cada vez mais estão fazendo uso de mídias e plataformas digitais, o que favorece e facilita ainda mais a exibição de filmes e as discussões a partir deles, visto que essas mídias permitem o acesso a informações que nem sempre estão presentes na obra filmada.

Pode ser somado a isso, o posicionamento de Leonardo Carmo, presente em seu artigo “O cinema do feitiço contra o feiticeiro”, que diz: “o cinema como prática pedagógica pode fazer o aluno se interessar pelo conhecimento, pela pesquisa, de modo mais vivo e interessante

que o ensino tradicional” (CARMO, 2003, p.72). O autor se baseia em Walter Benjamin para investigar as possibilidades de inserção do cinema em sala de aula. E é com base em seus estudos que ele afirma que “aprender a ver cinema é realizar o rito de passagem do espectador passivo para o espectador crítico” (CARMO, 2003, p.77).

A afirmação de Carmo nos possibilita dizer, aqui fazendo um paralelo com Paulo Freire (FREIRE, 1996) que defende uma educação que forme sujeitos autônomos e críticos, que aprenda a ver cinema na escola de educação básica, em parceria com o que já se ensina nela, é fortalecer um processo de ensino-aprendizagem que forma cidadãos não alienados (FREIRE, 1996).

Ao defender o cinema como ferramenta de grande valor no processo de ensino-aprendizagem, independente da disciplina, não estou dizendo que as aulas devam sempre se pautar num ou noutro filme. Não se trata disso. O propósito é outro. Como bem diz os educadores e pesquisadores Inês Teixeira e José Lopes:

Não se trata de “escolarizar” o cinema ou de “didatizá-lo”. Não estamos e não queremos concebê-lo ou restringi-lo a um instrumento ou recurso didático-escolar, tomando-o como uma estratégia de inovação tecnológica na educação e no ensino. Isso seria reduzi-lo por demais. Ao contrário, por si só, porque permite a experiência estética, porque fecunda e expressa dimensões da sensibilidade, das múltiplas linguagens e inventividades humanas, o cinema é importante para a educação e para os educadores, para ele mesmo, independentemente de ser uma fonte de conhecimento e de servir como recurso didático-pedagógico como introdução a inovações na escola (TEIXEIRA; LOPES apud MARQUES; SOUZA; ZICO, 2017, p.694).

O que se percebe, amparada em Teixeira e Lopes, e nas outras pessoas já citadas, é que o cinema, por si só, já é lugar de educação informal. O cinema é arte que permite o acesso a diferentes informações e conhecimentos. É arte que possibilita aos seres humanos o contato com diferentes temas e o ato de refletir, individual e/ou coletivamente, sobre esses temas todos. Percebe-se ainda que o cinema, se bem acessado e utilizado no ambiente escolar, é também um grande aliado da escolarização. Como afirma Gabriela Vesce:

a utilização do cinema como veículo e ferramenta de ensino-aprendizagem oportuniza enfocar os aspectos culturais, históricos, literários e políticos, proporcionando uma visão integral do cinema enquanto mídia educativa. A inserção de novas estratégias de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem é primordial para a inovação pedagógica e a adequação às novas mudanças sociais com a finalidade de proporcionar uma formação integral aos cidadãos. Nesse contexto, o cinema se torna ferramenta educativa cheia de potencialidades ao constituir-se em um meio de contribuir para a mudança social. Ao ser percebido como uma mídia educacional, o cinema tem a possibilidade de inserir-se na sala de aula de forma promissora. (VESCE, s.d., n.p.).

Para finalizar este tópico, certa de que cinema e educação possuem relação íntima e que juntos se potencializam no sentido de ampliar a qualidade de processos de ensino-

aprendizagem, trago uma fala da professora universitária (UFRJ) Adriana Fresquet, citada por Emiliana Marques, Rita Souza e Vanessa Zico. É ela:

Quando a educação tão velha quanto a humanidade, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alagar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos – renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções e algo de curiosidade de quem aprende e ensina. Com o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o “faz de conta” e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do conhecimento. (FRESQUET *apud* MARQUES; SOUZA; ZICO, 2017, p.17).

Fazendo coro à afirmação de Fresquet, defendendo a utilização de obras cinematográficas na escola para além do simples entretenimento, o que também é válido e grandioso em momentos oportunos para isso, foco o cinema, em especial o nacional, como veremos no capítulo seguinte, como lugar possível de contribuir positivamente com o ensino de teatro na educação básica.

## **CAPÍTULO 2 – CAMINHOS QUE ATRAVESSAM A RELAÇÃO CINEMA NACIONAL E O ENSINO DO TEATRO**

Este capítulo se construiu com o objetivo de apontar, ainda que brevemente, lugares em obras cinematográficas brasileiras que podem servir positivamente como suporte ao ensino de teatro na educação básica. Isso, claro, em partes e em contextos específicos, já que são linguagens artísticas diferentes, apesar das semelhanças que possuem. Para tanto, antes de adentrar nesse lugar, descreve-se e analisa o projeto “Cinema nas Escolas”, da Associação Amigos do Cinema e da Cultura (AACIC), que se realizou no Distrito Federal, entre os meses de fevereiro e março de 2023, para então discorrer sobre o cinema nacional, mais especificamente sobre suas obras cinematográficas, como suporte ao ensino do teatro na educação básica.

Ademais, são inseridas ao longo do texto que se construiu nessa parte do TCC, algumas reflexões sobre os dados levantados com os questionários que foram realizados com pessoas que contribuíram com a realização da pesquisa que neste trabalho se apresenta.

### **2.1 – Projeto “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro”: uma ilustração de como cinema e educação se relacionam positivamente na prática**

Com base em informações que foram colhidas por meios de textos (matérias e notícias) divulgadas na internet e nos questionários aplicados durante a pesquisa, o projeto “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro” é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura (AACIC) com a parceria da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF). Um projeto, dada a sua importância e objetivos, que conta com o apoio do Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF) e da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) que vêm no cinema nacional, um lugar para a ampliação da qualidade do ensino público ofertado na educação básica do Distrito Federal.

Sobre esse apoio, a diretora do Sinpro-DF, Luciana Custódio, em matéria intitulada “Projeto levará o cinema brasileiro para dentro das escolas públicas do DF<sup>10</sup>” (2023), de Maria Carla, disse o seguinte:

Abrçamos este projeto por toda a importância do que ele representa, pois ele ajuda a comunidade escolar a refletir sobre assuntos que repercutem até hoje na sociedade e na democracia, como o papel da religião e da política em nossa sociedade. Arte e cultura são ferramentas importantíssimas para auxiliar a sociedade a pensar e refletir. (CUSTÓDIO apud CARLA, 2023, n.p).

---

<sup>10</sup> Matéria publicada em <https://www.sinprodf.org.br/projeto-levara-o-cinema-brasileiro-para-dentro-das-escolas-publicas-do-df/>, visualizada em 15/06/2023.

O projeto teve sua primeira edição<sup>11</sup> realizada no Distrito Federal entre os dias 28 de fevereiro e 16 de março deste ano de 2023. Trata-se de uma proposta que almeja, artística e pedagogicamente, colocar escolas públicas de educação básica em contato com obras e artistas do cinema brasileiro e, ainda, promover a formação de público e incentivar o interesse pela apreciação cinematográfica entre os estudantes e professores da educação básica. Para tanto, se organiza de modo que além da exibição da obra cinematográfica escolhida para o momento, sejam realizados debates entre estudantes, professores e profissionais do cinema brasileiro, atuantes na obra em questão.

Desse modo, a partir da exibição de filmes selecionados e adequados para cada faixa etária, em projeções realizadas com equipamento profissional – uma tela de 3,5 x 7m com padrão digital de cinema (**DCP**), que garante som e imagem de alta qualidade, o projeto envolve discentes e docentes em atividades de reflexão e debate sobre os temas abordados nas obras cinematográficas. Além disso, também são realizadas oficinas e palestras com profissionais do cinema, como: diretores, roteiristas e atores, o que proporciona uma oportunidade de aprendizado e ampliação de conhecimentos sobre o universo do cinema nacional.

Sobre esse aspecto da formação sobre o cinema, Gabriela Correa, atriz, no questionário respondido para esta pesquisa<sup>12</sup> (QP), expressa que:

Com a exibição de filmes aos alunos é possível reforçar a importância da interpretação e, portanto, incentivar os jovens a conhecer melhor essa arte. As cenas e os atores envolvidos podem fazer com que quem assiste se sinta impelido a atuar também, assim como demonstram que essa é uma possibilidade de trabalho artístico que pode ser desenvolvida no cinema, no teatro e em outras manifestações das artes cênicas. (CORREA, QP, 2023)

Ou seja, com base nas informações presentes nesses últimos parágrafos e mais a fala de Correa, é possível dizer que o projeto é uma iniciativa que busca levar obras cinematográficas brasileiras, como ferramenta pedagógica, para dentro das escolas, o que vai de encontro com Duarte (2002) que defende a natureza do cinema como eminentemente pedagógica. Além disso, prioriza um produto nosso, brasileiro, feito por nós, sobre nós e para nós. O que demonstra a importância do cinema nacional no contexto educacional.

Com relação a isso, Corrêa, expressa que:

[...] é urgente que seja feita a integração difusa e democrática do acesso de crianças e adolescentes ao audiovisual que se produz no Brasil. A ausência de políticas de acesso à cultura torna os jovens mais suscetíveis às ideologias do mercado externo

---

<sup>11</sup> Trailer da primeira edição do projeto: <https://www.youtube.com/watch?v=wmqjPUYYdtA> .

<sup>12</sup> Com o intuito de facilitar as citações oriundas dos questionários aplicados nesta pesquisa, serão utilizadas, sempre que essas reproduções de falas que aparecem no texto, as letras “QP” (Questionário da Pesquisa), em maiúsculas, após o nome da pessoa que preencheu o questionário.

(mais especificamente o norte americano e o europeu). É preciso “virar o espelho do Brasil”, para que o público jovem se interesse e se veja nas produções nacionais, através da formação de plateia e também capacitação profissional. (CORREA, QP, 2023)

Fazendo coro a ela, Similião Aurélio (QP, 2023), ator que esteve presente em todas as etapas do projeto, reforça ser “urgente que o cinema nacional seja colocado como instrumento de estudo nas escolas.” E complementa: “o cinema brasileiro fortalecido e presente nas escolas é fundamental para a construção do Brasil para todos”.

São percepções importantes de duas pessoas, profissionais do cinema brasileiro, cientes do quão potente essa linguagem artística é em si, que também nos permite refletir sobre os ganhos que a educação básica tende a ter, em diversos aspectos, como a ampliação da qualidade do ensino, ao ter como parceira obras cinematográficas brasileiras em ambiente escolar, seja enquanto suporte a conteúdos de alguma disciplina, seja enquanto momento de socialização entre diferentes pessoas da comunidade escolar, em atividade de apreciação artística.

Voltando ao projeto, no caso dessa primeira edição, foram realizadas 18 sessões, seguidas de debates, do filme “O Pastor e o Guerrilheiro” (2023), do diretor José Eduardo Belmonte, a comunidades escolares de 10 escolas públicas de ensino médio do DF.

Para se ter noção da dimensão atingida, José Eduardo Belmonte (QP, 2023) afirma que “o projeto alcançou 10 mil estudantes”, o que demonstra positivamente a capacidade de acolhimento e, certamente, uma série de benefícios no âmbito do processo de ensino-aprendizagem, em projetos como esse que se descreve.

Uma parceria – cinema nacional e educação básica, nas palavras de todas as pessoas envolvidas com o projeto e que responderam ao questionário de pesquisa, importantíssima, sobretudo em momento atual, em que cada vez mais estamos, brasileiros, nos atentando para quem somos enquanto identidades, culturas, territórios, artes, histórias, direitos, políticas etc.

Sobre o filme, o longa-metragem de Belmonte se passa nas décadas de 1960, 1970 e nos últimos dias de 1999. Resumidamente, a história tem início em 1968. Neste ano, o jovem comunista João deixa a universidade e vai para uma guerrilha na Amazônia. É preso, torturado e enviado para a prisão em Brasília, onde encontra Zaqueu, um cristão evangélico preso por engano. Eles sofrem juntos essa vivência carcerária, superam diferenças ideológicas, se ajudam e marcam um encontro para 27 anos depois, à meia-noite, na virada do milênio, na Torre de TV de Brasília. Dentre os locais onde o filme foi rodado, algumas cenas foram filmadas na UnB.

Figura 1: Cartaz de divulgação do projeto “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro” (2023)



Fonte: autor não informado. Cartaz disponível no site do Sindicato dos Professores do DF

Um ponto interessante de se destacar é que a exibição do filme no âmbito do projeto aconteceu antes mesmo da obra estrear em salas de cinema, ou seja, estudantes e professores de escolas públicas do Distrito Federal foram os primeiros espectadores a assistirem ao filme mencionado. Isso demonstra o quão significativo o projeto se torna no sentido de ofertar às comunidades escolares a importância que elas merecem ter em contatos com obras de arte. Projeto que vê, dentre outras pessoas, em estudantes e docentes da educação básica, excelente público para a apreciação de obras inéditas do cinema brasileiro<sup>13</sup>.

Figura 2: estudantes e docentes do ensino médio de escola pública do DF assistindo ao filme O Pastor e o Guerrilheiro (2023) de José Eduardo Belmonte



Fonte: autor não informado. Imagem disponível no site do Sindicato dos Professores do DF

<sup>13</sup> "Cinema nas Escolas" faz pré-estrela do filme “O Pastor e o Guerrilheiro” para estudantes do DF e o trailer pode ser conferido em: <https://www.youtube.com/watch?v=EfdRPG3XWY8> .

Durante os dias de realização do projeto, foram proporcionados encontros entre estudantes, alguns de seus familiares – pessoas que também puderam prestigiar as exibições do filme de Belmonte (2023), docentes e profissionais do cinema que, em debates ao término de cada sessão, puderam conversar de modo prazeroso e inteligente sobre as temáticas abordadas pelo filme. Belmonte (QP, 2023) revelou que “muitos (estudantes) não sabiam dos detalhes da realidade apresentada do filme, outros enriqueceram o debate.” Para ele, um momento de grande importância e valia, visto que “toda troca de conhecimento é fundamental para o ensino” (BELMONTE, QP, 2023).

Ainda nesse aspecto das trocas ao término de cada exibição fílmica, questionado sobre como o cinema contribui com a formação humana dos sujeitos, o diretor colocou que “a arte amplia os horizontes, aumenta as formas de leitura de uma realidade, dá entendimento de forma lúdica, aumenta a capacidade de abstração, entre outras coisas” (BELMONTE, QP, 2023).

Também por isso, Belmonte (QP, 2023) diz pensar que as artes, e o cinema, mais especificamente, “são ferramentas fundamentais no ensino.” E mais, no que se refere especificamente ao ensino de teatro na educação básica, com base na experiência vivida por ele com a aplicação do projeto “Cinema nas Escolas – Circuito Cinema Brasileiro”, o diretor afirma que sempre vai existir uma ponte cinema-ensino de teatro, já que cinema e teatro “são artes primas e que precisam se relacionar” (BELMONTE, QP, 2023).

Figura 3: Debate realizado ao término de uma das exibições da primeira edição do projeto “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro”



Fonte: autor não informado. Imagem disponível no site do Sindicato dos Professores do DF

A atividade (exibição do filme seguida de debate), segundo os relatos de algumas pessoas que participaram do projeto, contribuiu para a educação complementar dos estudantes, estimulando o pensamento crítico, a sensibilidade artística e a valorização cultural, o que

contribui com o alcance da finalidade da educação básica (LDBEN/96, artigo 22) e, também, com as ideias de uma educação que preza pela autonomia e liberdade (FREIRE, 1996).

Além disso, essa primeira edição de o “Cinema nas Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro”, considerando as falas das pessoas que responderam ao questionário que foi aplicado durante a pesquisa e falas presentes em algumas matérias lidas sobre o projeto, promoveu a inclusão social, disponibilizando o acesso ao cinema para alunos de escolas públicas que, muitas vezes, por questões diversas, em especial a financeira, não têm a oportunidade de frequentar uma sala de cinema.

A exemplo de um desses casos, cito a estudante Mariana Baima, do Centro Educacional Incra 8, de Brazlândia/DF. Conforme descrito na matéria “Cinema nas Escolas: instituições públicas de ensino recebem longa metragem inédito<sup>14</sup>” (2023), do site Visite Brasília, a razão dela nunca ter assistido a um filme em cinema se deve sobretudo em razão da distância de uma sala de cinema e a cidade onde a estudante mora e mais a falta de tempo em virtude dos seus afazeres cotidianos. Sobre o momento, Baima antes de vivenciar a experiência, relatou o seguinte:

Estou muito ansiosa para participar desta sessão de cinema aqui na escola. Eu nunca vi filme em um grande telão, é sempre na TV mesmo. Fora que meus amigos vão estar juntos, vai ser uma experiência ótima. Posso até convidar a minha mãe para ir junto, olha que legal. (BAIMA *apud* VISITE BRASÍLIA, 2023, n.p)

A mesma matéria afirmou que a produtora executiva Kakau Teixeira “ressaltou que o Cinema nas Escolas vai além da simples exibição de um filme” (VISITE BRASÍLIA, 2023, n.p), citando a fala da produtora que disse que:

As escolas recebem um guia, preparado por nossa coordenadora pedagógica, que destrincha os temas que perpassam o filme, como ditadura militar, tortura, exclusão dos direitos... Dessa forma, os professores podem trabalhar esses assuntos com os alunos antes da sessão. (TEIXEIRA *apud* VISITE BRASÍLIA, 2023, n.p).

Por fim, ainda na matéria citada, a Diretora do Centro Educacional Incra 8, Solange da Cunha Pereira observa que (o filme) O Pastor e o Guerrilheiro aborda uma temática presente no currículo do Ensino Médio” (VISITE BRASÍLIA, 2023, n.p). Em fala cedida ao Visite Brasília ela disse: “além de enriquecer as aulas, o filme resgata momentos duros do nosso país,

---

<sup>14</sup> Matéria publicada em <https://visitebrasil.com.br/noticias/cinema-nas-escolas-instituicoes-publicas-de-ensino-recebem-longa-metragem-inedito>, acessada em 15/06/2026. Nela não consta o nome da pessoa que escreveu o texto.

fatos importantes para quem quer entender a fundo a história do Brasil” (PEREIRA *apud* VISITE BRASÍLIA, 2023, n.p).

As três falas citadas na referida matéria contribuem para o entendimento de que o cinema na educação, além do entretenimento, que deve ser lido como algo necessário e saudável à vida de qualquer ser humano, e de fortalecer encontros que propiciam as relações de alteridade, é também excelente oportunidade de ampliar e aprofundar discussões sobre temas diversos. Ou seja, um ganho para a educação e os sujeitos envolvidos na ação pedagógica.

Em fala considerando a importância de projetos como esse que se descreveu, o ator Antônio Pitanga, ao responder o questionário desta pesquisa, disse:

Acho importante que o cinema tenha projetos em que o cinema vá à escola ou que a escola vá ao cinema. Fiz muitos filmes que tiveram esse trabalho, como Ganga Zumba, de Cacá Diegues. Acho que é através da escola que muitos jovens do colégio, do ensino básico, do ensino público vão ter contato pela primeira vez com o cinema. Pessoas que nunca foram ao cinema antes. Eu sou uma pessoa que tem aí sessenta e tantos anos nessa estrada e tive a oportunidade de ter sessões que a gente levava para a escola, o cinema e depois fazia um debate. E muitas vezes esse debate era enriquecedor porque pessoas de periferia que nunca tinham ido ao cinema tinham a oportunidade de estar ali no cinema, debatendo. Acho que o cinema tem dado uma contribuição muito grande para a educação. Eu acho que abre um debate muito importante para a juventude, para o cinema, para a escola e para a educação. (PITANGA, QP, 2023).

Considerando a fala de Pitanga e mais, que o cinema nacional, especificamente, é lugar de produção, manutenção e propagação de inúmeros aprendizados importantes que podem ser positivamente somados ao que se ensina e aprende no âmbito da educação básica, defendo que o ensino de teatro também pode se beneficiar dele, sobretudo se professores de teatro compreenderem melhor a história do nosso cinema.

## **2.2 – O cinema nacional: breve trajetória**

Com base em leituras realizadas sobre o cinema no Brasil, compreende-se que a trajetória do cinema nacional passou por diversas fases ao longo dos anos. Desde o seu surgimento, na década de 1890, até os dias atuais, o cinema brasileiro enfrentou desafios e conquistou importantes realizações. No início, o cinema nacional era majoritariamente influenciado pelo cinema europeu e norte-americano, principalmente o cinema francês. Os primeiros filmes brasileiros eram documentários e tinham caráter mais informativo, retratando paisagens e eventos do país.

Para facilitar a descrição dessa trajetória e a compreensão da importância do cinema nacional, este texto elenca alguns períodos. São eles:

**1. Cinema Silencioso (1896-1929):** O cinema no Brasil teve início com a inauguração das primeiras salas de exibição em 1896. Nesse período, no Rio de Janeiro, consta que foi realizada a primeira sessão de cinema no país. As notícias em torno da novidade foram registradas em jornais da época sob os nomes de Omniógrafo, Animatógrafo e Cinematógrafo (SOUZA, 2002, p.47-54). Dois anos depois, no mesmo estado, o imigrante italiano Affonso Segretto torna-se o primeiro cineasta brasileiro, rodando o filme da Baía de Guanabara, em 1898.

A partir de 1906, começam a ser produzidos os primeiros filmes de ficção no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nesse período também começam a surgir os gêneros cinematográficos brasileiros: policial, religioso, carnavalesco, melodrama, dramas históricos e comédias. O período de 1896 a 1914 é considerado a época de ouro do cinema silencioso no Brasil. O cineasta Antônio Leal produziu o filme *Os estranguladores*, sucesso absoluto no gênero policial que foi exibido por mais de oitocentas vezes também num período de dois meses (SOUZA, 2002, p.57).

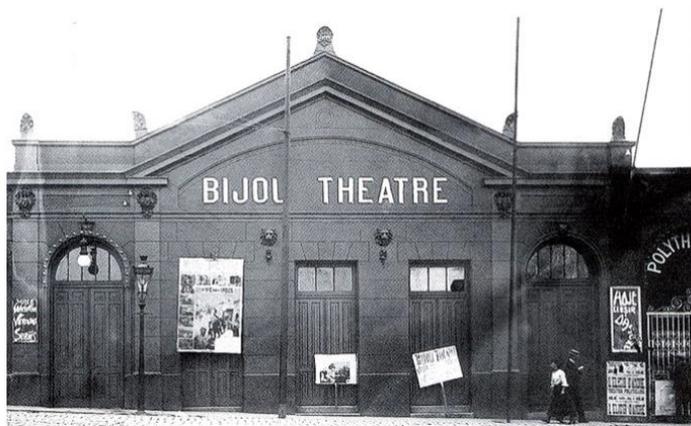
Diante desses fatos e dados numéricos, observa-se que o cinema silencioso teve a sua importância dentro do contexto social de sua época, já podendo ser considerado um meio de comunicação de massa, pois atraía a atenção de milhares de pessoas, mesmo se comunicando apenas pela imagem.

Diante de todos os avanços conquistados com a criação do cinematógrafo, não era possível ouvir som nas salas de projeção de cinema. Mesmo assim, o período silencioso do cinema brasileiro produziu filmes de ficção e não ficção. Os filmes de ficção retratavam a fantasia da construção imaginária, e os documentários procuravam mostrar a realidade, a dimensão histórica observada.

Um dos principais filmes que caracteriza o cinema silencioso brasileiro é o filme *Limite* (1930), de Mário Peixoto. Esse filme é considerado um cinema emblemático e ao mesmo tempo é apontado como uma defesa ao cinema silencioso que estava em processo de transição para o cinema sonoro.

Foi somente no início do século XX, que São Paulo teve sua primeira sala de cinema, chamada de Bijou Theatre.

Figura 4: Fachada do Bijou Theatre, primeiro cinema na cidade de São Paulo



. Fonte: imagem do site <https://www.todamateria.com.br/historia-do-cinema-brasileiro/>.

**2. Cinema das Chanchadas (1930-1950):** Por conseguinte, na década de 20 e 30 o cinema brasileiro atinge grande expansão com as publicações das revistas de cinema “Para Todos, Selecta e a Cinearte” e ainda com produções que se espalham por vários cantos do país denominados ciclos regionais.

Esse período ficou marcado pela produção de filmes de comédia e musicais, com temáticas leves e humor característico. As chanchadas eram filmes populares, que retratavam a vida carioca e faziam sucesso entre o público

Foi na década de 30 que foi criado o primeiro grande estúdio cinematográfico no Brasil: a “Cinédia”. Diretores como Carlos Manga<sup>15</sup> e Watson Macedo<sup>16</sup> se destacaram nessa época.

Na década de 40 surgem os gêneros das "chanchadas", filmes cômicos-musicais de baixo orçamento. Esse estilo despontou juntamente com a companhia de cinema “Atlântida Cinematográfica”, fundada em 18 de setembro de 1941 no Rio de Janeiro por Moacyr Fenelon<sup>17</sup>

<sup>15</sup> José Carlos Aranha Manga (1928-2015) foi um montador, roteirista, diretor de cinema e televisão brasileiro. Manga inovou a comédia e a sátira no cinema brasileiro.

<sup>16</sup> Watson Macedo foi um diretor de cinema brasileiro. Watson nasceu na cidade de Itaocara em 1918 ou 1919 e começou sua carreira como cenógrafo e assistente de direção da atriz e cineasta Carmen Santos em 1938, no filme "Inconfidência Mineira".

<sup>17</sup> Moacyr Fenelon (1903-1953) foi um cineasta, técnico de som e produtor brasileiro. Fenelon também criou a Associação Brasileira de Cinema, em 1949, e passou a dirigir o Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica. Já em 1952, presidiu o primeiro Congresso Nacional de Cinema Brasileiro, onde esboçou um projeto que estipulava uma temporada mínima de exibições de filmes nacionais e reforçou a importância da luta pela criação de um instituto que promovesse o cinema brasileiro.

e José Carlos Burle<sup>18</sup>. Os principais atores da Atlântida foram Oscarito<sup>19</sup>, Grande Otelo<sup>20</sup> e Anselmo Duarte<sup>21</sup>.

Em 1949 foi criado o estúdio “Vera Cruz”, baseado nos moldes do cinema americano, em que os produtores buscavam realizar produções mais sofisticadas. Mazzaropi foi o artista de maior sucesso do estúdio.

Na década de 1950, o cinema nacional enfrentou uma crise, devido à concorrência dos filmes estrangeiros e à falta de investimentos. Foi nesse contexto que surgiu o Cinema Novo, movimento cinematográfico que buscava retratar a realidade social e política do país. Na década de 1950, já foram produzidos filmes considerados precursores do Cinema Novo, como "Rio 40 Graus", de Nelson Pereira dos Santos. Diretores como Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos foram importantes representantes desse movimento.

**3. Cinema Novo (1960-1970):** Nos anos 1960 e 1970, surgiu o chamado cinema marginal, denominado também de “Údigrudi”, de caráter revolucionário, focado nas temáticas de cunho social e político. Do cinema novo destacam-se as produções do cineasta baiano Glauber Rocha<sup>22</sup>. "Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964) e "O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro" (1968). Assim, surgiu o chamado cinema marginal, que questionava as convenções do cinema tradicional e explorava temas polêmicos. Diversos diretores como Rogério Sganzerla<sup>23</sup> e Júlio Bressane<sup>24</sup> foram representantes desse movimento.

As maiores produtoras dessa vertente foram "Boca do Lixo", em SP e "Belair Filmes", no RJ. Essas produções estavam bastante alinhadas com o movimento de contracultura, ideologias revolucionárias e com o tropicalismo, movimento musical que ocorria na mesma época. Sofreu grande censura por parte do regime militar que se instaura no país.

Essa vertente foi baseada no cinema experimental de caráter radical. Um filme de grande destaque foi "O Bandido da Luz Vermelha (1968), dirigido por Rogério Sganzerla. Essas produções de baixo custo do movimento “Boca do Lixo” realizaram as pornochanchadas,

---

<sup>18</sup> José Carlos Burle (1910-1983) foi um compositor, ator, crítico de rádio e cineasta brasileiro.

<sup>19</sup> Oscarito (1906-1970) foi um ator espanhol naturalizado brasileiro. É considerado um dos humoristas mais populares do Brasil.

<sup>20</sup> Grande Otelo (1915-1993) foi um ator, comediante, cantor, produtor e compositor brasileiro.

<sup>21</sup> Anselmo Duarte (1920-2009) foi um ator, roteirista e cineasta brasileiro. Considerado um dos maiores nomes do cinema brasileiro, foi laureado com a Palma de Ouro no Festival de Cannes pelo seu filme O Pagador de Promessas.

<sup>22</sup> Glauber Rocha (1939-19481) foi um cineasta brasileiro, considerado por críticos, jornalistas especializados e público como um dos maiores nomes da história do cinema brasileiro.

<sup>23</sup> Rogério Sganzerla (1946-2004) foi um cineasta, roteirista e produtor brasileiro. Mais conhecido pelo seu papel como representante do cinema marginal, um movimento contracultural brasileiro dos anos 1960 e 1970.

<sup>24</sup> Júlio Bressane (1946) é um cineasta brasileiro.

baseada nas comédias italianas e com forte teor erótico. Esse gênero teve enorme destaque na década, fazendo grande sucesso comercial no Brasil, depois, a pornochanchada sofreu um enorme declínio na década de 80, perdendo sua audiência para os filmes pornográficos hardcores, que ganhavam cada vez mais espaço no Brasil e no mundo.

Ainda que a produção cinematográfica tenha sofrido um declínio no final da década de 70, filmes como "Dona flor e seus dois maridos" (1976), do cineasta Bruno Barreto<sup>25</sup>, fizeram sucesso. Nesse momento, o fim da ditadura e o despontar de uma crise econômica, leva o cinema nacional a sofrer um grande declínio. Portanto, os produtores não tinham dinheiro para produzir seus filmes, e os espectadores, da mesma forma, já não tinham condições para assisti-los.

**4. O Cinema da Retomada (1995 a 2002):** expressão usada para designar o cinema feito no Brasil entre 1995 e 2002, quando, após um período de quase estagnação, a estruturação de um sistema de incentivos fiscais favorece uma nova fase de fomento à produção cinematográfica. A partir dos anos 1980, o cinema nacional passou por esse processo de retomada, com a criação da Embrafilme, empresa estatal que incentivava a produção cinematográfica brasileira. Nesse período, surgiram importantes filmes como "Pixote, a Lei do Mais Fraco" (1981), de Hector Babenco<sup>26</sup>, e "Cabra Marcado para Morrer" (1984), de Eduardo Coutinho. Nos anos 1990, ocorreu a privatização da Embrafilme, o que gerou uma nova crise no cinema nacional. No entanto, foi nessa década que surgiram filmes de grande sucesso, como "Central do Brasil" (1998), de Walter Salles<sup>27</sup>, que foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Seguindo, foi somente na segunda metade da década de 90 que o cinema ganhou força com a produção de novos filmes. Esse período ficou conhecido como "Cinema de Retomada" após anos imersos na crise. A partir disso, a produção de filmes cresce e são criados diversos festivais no país. É criada também a Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual, sendo implementada uma nova legislação, a "Lei do Audiovisual<sup>28</sup>".

---

<sup>25</sup> Bruno Barreto (1955) é um cineasta brasileiro. É diretor de filmes como *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1977), filme com 10 milhões de espectadores (por muitos anos, recorde de público no Brasil).

<sup>26</sup> Hector Babenco (1946-2016) foi um cineasta argentino naturalizado brasileiro de ascendência judaico-ucraniana, Foi diretor de filmes como *Pixote, a Lei do Mais Fraco* e *Carandiru*, além de *O Beijo da Mulher Aranha*, pelo qual recebeu a indicação ao Oscar de melhor direção em 1986.

<sup>27</sup> Walter Salles (1956) é um premiado cineasta brasileiro.

<sup>28</sup> A Lei do Audiovisual (Lei 8.685) visa fomentar a produção audiovisual cinematográfica nacional independente, mediante a concessão de benefícios aos contribuintes que optarem por adquirir cotas dos direitos de comercialização das obras produzidas, conforme os critérios estabelecidos no texto da lei.

A partir de 1995, o cinema brasileiro começa a sair da crise com a produção do filme “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil” (1994), de Carla Camurati<sup>29</sup>, o primeiro realizado pela Lei do Audiovisual. Nessa década, merecem destaques as produções “O Quatrilho” (1995), de Fábio Barreto<sup>30</sup> e “O Que é Isso Companheiro?” (1997), de Bruno Barreto.

Nos anos 2000, o cinema nacional se consolidou como um dos mais relevantes da América Latina. Filmes como “Cidade de Deus” (2002), de Fernando Meirelles, e “Tropa de Elite” (2007), de José Padilha, alcançaram grande sucesso de público e crítica.

Atualmente, o cinema nacional busca cada vez mais diversificar suas temáticas e linguagens, abordando desde questões históricas e políticas até dramas sociais e comédias. A produção cinematográfica brasileira tem conquistado reconhecimento internacional e se firmado como um importante canal de expressão da cultura brasileira.

É preciso ressaltar que essa breve trajetória do cinema nacional não abrange todas as correntes e movimentos que surgiram ao longo dos anos, mas apresenta uma visão geral dos principais momentos e mudanças na produção cinematográfica brasileira.

Nesta mesma corrente, sinto-me orgulhosa de expressar minha participação em alguns filmes nacionais como: “Subterrâneos” (2004) e “A Conceção” (2006), de José Eduardo Belmonte; “O Primeiro dia do Resto da Minha Vida” (2010), de Karim Aïnouz; “O Último Dia” (2010), de Sérgio Machado; “Big Jato” (2014), de Cláudio Assis; “Mulheres no Poder” (2015), de Gustavo Acioli; Como Nossos Pais (2017), de Laís Bodanzky; “Riscados Pela Memória” (2019), de Alex Vidgal; e, “O Espaço Infinito” (2019), de Leo Bello.

Figura 5: Gabrielle Lopes em cena do filme a concepção (2004), de José Eduardo Belmonte



Fotografia de André Luis da Cunha. Acervo da pesquisadora

<sup>29</sup> Carla Camurati (1960) é uma cineasta, roteirista, produtora cultural e atriz brasileira.

<sup>30</sup> Fabio Barreto (1957-2019) foi um cineasta, ator, produtor e roteirista brasileiro.

Figura 6: Gabrielle Lopes em cena do filme O Primeiro dia do Resto da Minha Vida (2010), de Karim Aïnouz



Fotógrafo não identificado. Acervo da pesquisadora

Figura 7: Em cena a atriz Gabrielle Lopes com o ator Antônio Pitanga no curta-metragem "Riscados Pela Memória" (2019), de Alex Vidgal



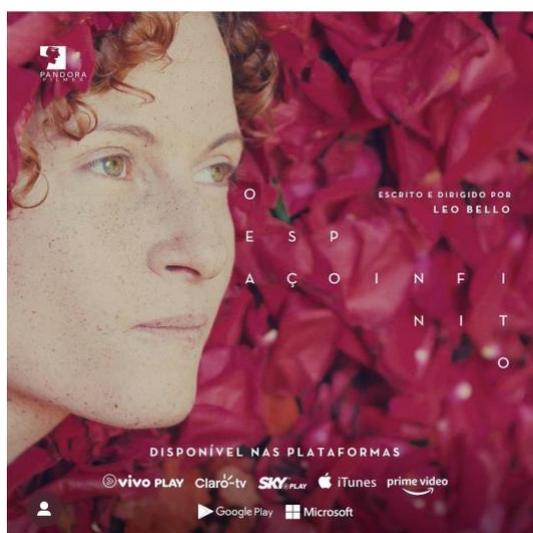
Fotografia de André Cavalheira. Acervo da pesquisadora

Figura 8: Divulgações de alguns trabalhos de Gabrielle Lopes



Fontes: acervos da divulgação do filme

Figura 9: Card realizado por Amanda Stefani para divulgação do filme: "O Espaço Infinito"



Fonte: cartaz do filme com fotografia de Pedro Maffei

### 2.3 – Obras cinematográficas brasileiras como suporte ao ensino do teatro na educação básica

Pensar e versar sobre o cinema nacional, mais especificamente sobre suas obras, como suporte ao ensino do teatro na educação básica, considerando as potencialidades entre esses dois lugares, é um campo de singular importância neste trabalho, visto que desde que me coloquei de modo mais efetivo no campo da educação, por meios dos estágios que foram realizados ao longo da graduação, tenho defendido que existem lugares em obras cinematográficas brasileiras que podem servir positivamente como suporte ao ensino de teatro na educação básica. Isso, claro, em partes e em contextos específicos, já que são linguagens diferentes, apesar das semelhanças que possuem.

Para começar, é necessário dizer que focar no cinema nacional se dá por algumas razões. Dentre elas, cito as duas seguintes:

Sou atriz, apreciadora, estudiosa e defensora do cinema brasileiro. Um cinema riquíssimo, pensado, produzido e praticado por profissionais de formações e qualidades ímpares, com inúmeras produções que, desde as suas primeiras filmagens retratam o como Brasil e o povo brasileiro em diferentes épocas e contextos. Um cinema que nos permite (re)conhecer e refletir nossas histórias, identidades e alteridades. Ou seja, um cinema que sendo corretamente somado a práticas pedagógicas em ambientes escolares certamente contribuirá com os processos de ensino-aprendizagem de estudantes matriculados nos ensinos fundamental

e médio brasileiro, sobretudo por essas moças e rapazes estarem em contato com obras que cultural, social e politicamente dialogam com as suas realidades.

A segunda razão, que se entrelaça com a primeira, tem origem em angústias pessoais: durante os meus estágios em teatro, em conversas informais que tive com algumas pessoas, docentes e discentes das escolas por onde passei, ao perguntar sobre filmes que eram exibidos para os estudantes, as respostas quase sempre eram de obras produzidas no exterior, em especial as hollywoodianas. Isso me causou um certo incômodo, em especial por termos excelentes obras cinematográficas que, dentre outros motivos, podem, por exemplo, ser utilizadas para preparar estudantes do ensino médio para provas de seleção para o ingresso em cursos superiores.

A exemplo disso, inclusive, Tais Ilhéu, no artigo “Cinema brasileiro: 8 filmes nacionais que podem cair em vestibulares<sup>31</sup>” (2023), escrito para o site Guia do estudante<sup>32</sup> discorre sobre o cinema nacional como ferramenta capaz de oferecer aos discentes conhecimentos sobre a realidade brasileira, de modo que esses estudantes adquiram um olhar crítico sobre eventos do passado, interpretando o que vivemos hoje à luz desses fatos históricos.

Nesse sentido, no artigo citado, Ilhéu (2023) apresenta oito filmes que tratam, dentre outros assuntos, sobre o movimento cultural brasileiro, a ditadura brasileira, relações de classe, violências raciais e de classe e a realidade do sistema carcerário brasileiro. Ou seja, não há motivos que justifiquem a ausência de filmes nacionais em ambientes escolares da educação básica, especialmente para os estudantes de séries mais avançadas, como os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio. E isso, em quaisquer disciplinas, inclusive teatro, visto que esta disciplina também é uma área de conhecimento cobrada em exames de vestibulares e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Mas não somente por isso, como defenderei em parágrafos seguintes.

Eu diria que o ensino do teatro, por si só, tem a capacidade de proporcionar aos seus discentes o fim que a LDBEN/96 determina para a educação básica. Mas defendo, considerando tudo o que foi dito no tópico 1.3: “Cinema e educação: relação possível” e com a descrição e análise do projeto “Cinema das Escolas – Circuito de Cinema Brasileiro”, que esse fim pode ser dilatado se o cinema nacional for tido com o um parceiro em aulas de teatro, sobretudo as

---

<sup>31</sup> Artigo disponível em <https://guiadoestudante.abril.com.br/dica-cultural/cinema-brasileiro-8-filmes-nacionais-que-podem-cair-nos-vestibulares/> visto em 25/09/2023.

<sup>32</sup> Revista eletrônica destinada a estudantes e professores, focada em processos de seleção para o ensino superior e para o mercado de trabalho.

que estejam trabalhando com teoria, destinadas a estudantes dessa etapa da educação: em especial aos que estão nos anos finais do ensino fundamental e aos que já estão no ensino médio.

Dentre outros motivos, concordando com o pensamento do ator Antônio Pitanga que colocou em questionário respondido para esta pesquisa que:

A grande contribuição que o cinema dá ao ensino de teatro na educação básica é que o cinema trilhou por uma discussão real de uma cultura genuinamente brasileira, cortando o cordão umbilical de uma cultura do colonizador. Então esse foi um papel do cinema brasileiro quando assume para si e traz essa discussão da sua brasilidade, trazendo e revelando autores como Suassuna, de o Auto da Compadecida, Mário de Andrade, de Macunaíma, Zé Lins do Rego, com o Menino de Engenho e por aí vai. Autores que tendo a oportunidade vão dialogar ricamente com o ensino básico. (PITANGA, QP, 2023).

Com base nisso, muitas poderiam ser as perspectivas para se versar sobre o cinema nacional como caminho, ferramenta ou suporte para o ensino do teatro na educação básica. A exemplo, considerando o que já foi dito antes, em especial quando tratei de cinema e educação, poderia se falar do cinema nacional versus ensino de teatro na ótica do social, destacando o quão potente, por exemplo, o cinema nacional se torna enquanto fonte de pesquisa para estudantes de teatro que necessitam, em seus processos de estudos e criações cênicas, compreender melhor determinado assunto, seja para a construção de uma personagem, seja para a criação e de figurinos e ou cenografia de determinada época, seja para outro motivo qualquer. Conforme expressa Correa,

O cinema tem a capacidade de documentar a vida, e criar discursos e visões de mundo. A interação entre o cinema e a educação tem o potencial de expandir olhares, criar referências e aprofundar debates sobre a nossa sociedade. Pensar a sociedade pelo viés da educação e da cultura é um dos pilares para a formação de jovens e adultos conscientes de seus papéis sociais e sua capacidade social transformadora. (CORREA, QP, 2023).

Por esse caminho, o do social, diversas obras cinematográficas brasileiras podem ser utilizadas como um complemento em discussões e análises que se realizam em salas de aula, entre estudantes e docentes, sobre diversos textos dramáticos lidos pelos discentes. Seria possível, por exemplo, com estudantes do ensino médio, após a leitura do texto dramático “Barrela (1958), de Plínio Marcos<sup>33</sup>, que denuncia o descaso e a violência do sistema carcerário brasileiro, a exibição do filme Carandiru (2003), de Hector Babenco, que também abarca o descaso do Estado com o sistema carcerário do nosso país. Com essas duas obras acessadas

---

<sup>33</sup> Plínio Marcos (1935–1999), nascido em Santos/SP, foi um jornalista, escritor, dramaturgo, ator e diretor de teatro. Escreveu inúmeras peças de teatro, principalmente durante o regime militar brasileiro. Dentre elas, destacam-se: Barrela (1958), Dois perdidos numa noite suja (1966), Navalha na carne (1967), Abajur Lilás (1969) e Querô: uma reportagem maldita (adaptação para teatro do romance de mesmo título, escrito em 1976) (1979).

pelos estudantes, certamente, uma roda de conversa em torno da temática abarcada no texto de Plínio Marcos seria muito mais rica e proveitosa.

Ainda no campo do social, nas palavras de Pitanga (QP, 2023) “a gente se identifica através das obras cinematográficas brasileiras. Através do cinema a gente inaugura um diálogo.” O ator cita alguns filmes, em especial do chamado cinema novo, para reforçar que o cinema nacional tem a capacidade, por meio de suas obras filmadas, de versar sobre diferentes temáticas que podem ser tratadas, a partir do ensino do teatro na educação básica, com adolescentes, jovens e adultos.

A fala e a defesa de Pitanga se encontram com o pensamento de Corrêa. Ela acredita que:

a exibição de filmes nacionais podem ser uma alternativa para a explanação de conteúdos históricos e sociais do Brasil. O entretenimento aliado ao aprendizado tem a possibilidade de expandir as percepções dos alunos sobre determinados assuntos e gerar interesse que vai além da sala de aula. (CORREA, QP, 2023).

Outro ponto, aproveitando o exemplo dado acima, é a possibilidade de se trabalhar em sala de aula, num mesmo momento, com peças de teatro e filmes que foram gravados a partir delas. A exemplo disso dramaturgos como Nelson Rodrigues<sup>34</sup>, Ariano Suassuna<sup>35</sup> e o próprio Plínio Marcos tiveram alguns de seus textos transformados em obras cinematográficas. É sabido, aliás, que muitas pessoas, antes mesmo de saberem da existência das peças de teatro, assistiram aos filmes oriundos dessas peças.

Possivelmente, este seria um lugar cabível para se trabalhar os elementos da linguagem teatral, a partir da “ilustração” cinematográfica utilizada como suporte ao ensino do teatro. Assim seria admissível ao professor de teatro, destacando as diferenças entre as duas linguagens e versando sobre os processos de adaptação necessários ao se transformar uma peça de teatro num filme, trabalhar, em especial no âmbito da teoria, com os seus estudantes dramaturgia e roteiro; interpretação, direção, sonoplastia, figurino, cenografia, maquiagem, iluminação, processos de criação e construção de personagens, relação plateia-público, dentre outros pontos.

---

<sup>34</sup> Nelson Rodrigues (1912-1980), nascido em Recife, mas viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, foi jornalista, romancista, cronista e dramaturgo. Dentre outras peças teatrais, escreveu: *Mulher sem pecado* (1941), *Vestido de Noiva* (1943), *Anjo negro* (1947), *Valsa nº 6* (1951), *Boca de Ouro* (1959) e, *Toda nudez será castigada* (1965).

<sup>35</sup> Ariano Suassuna (1927-2014), nascido em João Pessoa, mas viveu a maior parte de sua vida em Recife, foi um intelectual, escritor, ensaísta, romancista e dramaturgo. Escreveu diversos textos, dos quais, *Uma mulher vestida de sol* (1947), *Torturas de um coração* (1950), *o Auto da compadecida* (1955), *O santo e a porca* (1957) e, *A pena e a lei* (1959)

Por fim, considerando que o ensino de teatro é espaço que deve promover o (re)conhecimento de si e do outro e ponte que leva estudantes a diferentes histórias, ampliando, assim, a bagagem cultural desses discentes, defendo que o cinema nacional em salas de aula na educação básica, em especial por colocar o público em contato com saberes, identidades, culturas e histórias que são nossas, tende a fortalecer o ensino de teatro ao ampliar suas percepções de si e do outro e ao dilatar nos discentes essa bagagem cultural. Concordando mais uma vez com Marques, Souza e Zico (2017),

[...] pensando o cinema como imagem em movimento e como arte, o encontro do mesmo com a educação, em sala de aula, portanto, poderia se tornar um catalizador para o desenvolvimento da criança. Não apenas por estimular seu olhar, mas pela experiência que proporciona por meio da fruição da obra de arte: o reconhecimento de si e do outro, como indivíduos singulares de pensamentos, de reflexão e sensibilidade por meio da imagem e do som; pela ampliação do repertório visual da criança; pelo incentivo ao (re)conhecimento de algo próximo do seu universo e pela possibilidade de se surpreender ao descobrir algo novo; e pela própria alteridade e deslocamento que o cinema traz pra dentro da escola. Algo que poderia apresentar talvez até um novo fôlego para a formação de professores, para a prática pedagógica e para a própria escola. (MARQUES; SOUZA; ZICO, 2017, p.697).

É fato que esse é um caminho que ainda necessita ser mais aprofundado e discutido. Mas ainda assim, é cabível de se atestar, com base no que foi posto ao longo do trabalho, considerando o que se necessita ensinar em teatro em cada série da educação básica, as particularidades de cada escola e de cada público, e as especificidades de cada linguagem artística: cinema e teatro, que obras cinematográficas brasileiras podem, sim, serem ferramentas didáticas potentes ao ensino de teatro na educação básica. Como dito pelo ator do filme *O Pastor e o Guerrilheiro*, Similião Aurélio (QP, 2023) “o cinema brasileiro pode contribuir quase nada com aulas práticas de teatro na educação básica, mas para a construção de subjetividades, de comunidade cultural e do ensino teórico, aí o céu é o limite a ser superado.

## CONCLUSÃO

A investigação realizada neste trabalho oferece insights valiosos sobre as possíveis contribuições das obras cinematográficas brasileiras para o ensino do teatro na educação básica, estabelecendo uma conexão entre cinema e educação. Ao confirmar a potencialidade do cinema brasileiro no processo de escolarização, especialmente no contexto do ensino do teatro, este estudo destaca a riqueza que as obras audiovisuais podem proporcionar à formação escolar e humana dos aprendizes protagonistas.

A ênfase na figura do "aluno protagonista", conforme trata artigo da revista *Conexão Educação* (2022), destaca a importância do estudante como um participante ativo no processo educacional. Essa abordagem propõe uma mudança significativa, transformando o aluno de um receptor passivo de informações em um colaborador ativo, engajado na pesquisa, exposição de ideias, debates e criação. A relação entre professores e alunos torna-se uma parceria colaborativa, alinhada com as premissas de uma educação libertadora e autônoma, conforme proposto por Paulo Freire (1996).

Ao relacionar as conclusões da pesquisa com as ideias de Paulo Freire, notamos uma convergência com sua visão de uma educação que reconhece o aluno como um ser humano completo, levando em consideração suas histórias, trajetórias, saberes, conhecimentos e cultura. A rejeição da abordagem "bancária" em favor de uma educação que promova a ação-reflexão do aluno sobre o mundo alinha-se com a proposta de utilizar o cinema como uma ferramenta educacional.

Ao citar Freire em "Algumas notas sobre humanização e suas implicações pedagógicas", ressalta-se a importância do conhecimento como um processo dinâmico que envolve a ação-reflexão do ser humano sobre o mundo. Portanto, ao reconhecer o cinema como um meio potencial para ampliar os aprendizados na educação básica, este trabalho sugere que o diálogo entre cinema e educação resultará em processos educacionais mais enriquecedores, nos quais todas as partes envolvidas participam ativamente do processo de aprendizado, incluindo aspectos sensíveis presentes em obras cinematográficas.

A afirmação de Paulo Freire (2014, p.95), na qual ele afirma que "o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado", serve como ponto de partida para uma reflexão sobre as possibilidades de utilização pedagógica do cinema nacional na educação básica. Essa ideia ressalta a reciprocidade no processo educativo, destacando que tanto o educador quanto o educando estão em constante aprendizado.

Observando as experiências durante estágios escolares e diálogos com profissionais da educação, foi identificado que, muitas vezes, a exibição de filmes em ambientes escolares ocorre apenas com o propósito de entretenimento, sem um fim pedagógico claro. Esta constatação destaca a necessidade de reconhecimento da potencialidade do cinema como ferramenta educativa, capaz de enriquecer as experiências de aprendizado para educadores e estudantes.

A crítica à predominância de filmes estrangeiros nas aulas de teatro aponta para uma lacuna na valorização do cinema nacional como recurso pedagógico. A diversidade cultural e a riqueza de narrativas presentes no cinema brasileiro podem contribuir de maneira significativa para o ensino do teatro, proporcionando uma abordagem mais contextualizada e enraizada na cultura local.

Ao utilizar filmes como recursos educativos, os professores têm a oportunidade de explorar diversas temáticas, estimulando a reflexão sobre valores, ética, diversidade e outros aspectos relevantes. Além disso, o cinema pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais, promovendo o pensamento crítico, a capacidade de argumentação e a criatividade nos alunos.

Utilizando uma metáfora do artista acrobata de circo, que voa com um cabo invisível, ressalta a magia, o sonho e a fantasia proporcionados pelo cinema e pelo teatro. Essa magia é construída pela integração dessas formas de arte na educação, oferecendo aos estudantes uma experiência de aprendizado mais atrativa e envolvente. A urgência em explorar essa conexão entre educação e cinema é enfatizada, reconhecendo o potencial enriquecedor dessa forma de arte no processo de ensino-aprendizagem.

Ao citar Antônio Pitanga, que destaca que "o cinema nas escolas inaugura o diálogo", reforça-se a importância dessa integração para abrir espaços de reflexão e discussão. A conclusão destaca que, embora a pesquisa tenha atingido seus objetivos, ela não representa um fim, mas sim um convite para mais estudos e descobertas que contribuam para o desenvolvimento da educação brasileira.

Assim, a imagem do cabo mágico invisível, simboliza a conexão entre a educação e as artes, convidando os leitores a experimentarem a magia do aprendizado através do fazer artístico. O objetivo é que, ao ler esta monografia, todos se sintam inspirados a voar por meio dessa interseção (cabos invisíveis) entre educação, cinema e teatro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AACIC. **Cinema nas Escolas - Circuito de Cinema Brasileiro**. AACIC, 2023. Disponível em: <https://aacic.com.br/cinemanasescolas/2023/df/> . Acesso em: 10/11/2023.

BARBOSA, Elazier. **Dicionário a Origem das Palavras**. São Paulo: Editora RG, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Versão final homologada em 11 de maio de 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 18/09/2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9.394/96. Brasília: 1996.

CARMO, Leonardo. O cinema do feitiço contra o feiticeiro. **Revista Iberoamericana de Educación**. N. 32, p. 71-94, 2003. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/925/1751>. Acesso em: 28 de novembro, 2023.

CARREIRO, Rodrigo. **A linguagem do cinema: uma introdução**. Recife: Ed. UFPE, 2021.

CONEXÃO EDUCAÇÃO. **Aluno protagonista: tudo o que você precisa saber sobre esse conceito!** Conexia Educação, 2022. Disponível em: <https://blog.conexia.com.br/aluno-protagonista/>. Acesso em: 08/11/2023.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58a ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. S. Paulo: Cortez Editora / Autores Associados, 1991.

GUEDES, Adenildo Pereira. As contribuições do teatro para educação no contexto do ensino fundamental. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano. 07, Ed. 06, Vol. 08, pp. 199-210. Junho de 2022. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/teatro-para-educacao>

MARQUES, Emiliana Maria Diniz; SOUZA, Rita de Cássia e ZICO; Vanessa Maciel. **Cinema, teatro, criatividade: metodologias ativas na formação discente do PIBID Pedagogia-UFV**. Rev. Diálogo Educ., 2017.

PEREIRA, Álvaro Dyogo. **Teatro, cinema, diálogos e relações: Boca De Ouro e seus contextos**. 2015.

SEEDF. **Projeto Leva a Escolas de Rede Pública de Ensino**. Secretaria de Estado de Educação, 2023. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/projeto-leva-cinema-a-escolas-da-rede-publica-de-ensino/>. Acesso em: 10/11/2023

RICARDO, Luís. **CED INCRA 08 de Brazlândia recebe o Projeto Cinema Nas Escolas**. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/ced-incra-08-de-brazlandia-recebe-o-projeto-cinema-nas-escolas/>. Acesso em: 23/11/2023.

SOUZA, Edileuza Penha (org). **Negritude, Cinema e Educação**. Caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003, volumes 1 e 2. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

SOUZA, Carlos Roberto. **Nossa Aventura na Tela**. São Paulo: Cultura, 1998.

ROSSETO, Robson; WISNIEVSKI, Roberta. O Ensino Do Teatro Na Base Nacional Comum Curricular. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, volume 7. São Paulo, 2021.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (orgs). **A Escola vai ao Cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

VESCE, Gabriela E. Possolli. Relação entre Cinema e Educação. **Info Escola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/relacao-entre-cinema-e-educacao/#:~:text=Desde%20os%20prim%C3%B3rdios%20das%20produ%C3%A7%C3%B5es,instru%C3%A7%C3%A3o%2C%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20reflex%C3%A3o%20humanas.&text=Nesse%20contexto%20o%20cinema%20se,contribui%20para%20a%20mudan%C3%A7a%20social>. Acesso em: 30 de novembro de 2023.